

APRESENTAÇÃO

A Revista História & Perspectivas traz nesta edição mais um dossiê temático, que denominamos “Anos 80: trinta anos depois”. Imaginamos que para muitos o título já será motivo de indagação, especialmente para as novas gerações. Afinal o que teria “acontecido” nos anos 80 que merece um dossiê? Os mais “experientes” com certeza buscarão as grandes polêmicas dos anos 80, na história e na historiografia. Para nós que “engatinhávamos”, ou mesmo adentrávamos à universidade, não podemos negar que olhamos para aqueles tempos com um ar de saudade.

Muitos serão os sentidos e muitas serão as lembranças evocadas. Porém, o maior sentido tenha começado por nós mesmos ao propor a temática. Imediatamente, pedimos autorização à Revista Brasileira de História, para reeditar a tradução do texto “Por que a História do movimento operário” de George Haupt, feita pela Profa. Dra. Yara Aun Koury, no que fomos prontamente atendidos. Outra providência, publicar de forma definitiva o texto “O lugar do movimento operário?” de Kazumi Munakata, a quem solicitamos uma reapresentação, para bem situá-lo, no que fomos também prontamente atendidos.

Curiosamente, a chamada pública do dossiê teve grande impacto e recebemos inúmeros trabalhos, colocando, inclusive, a necessidade para o Conselho Editorial de um segundo número para contemplar aqueles que envidaram esforços e sentiram a necessidade de dizer algo. Recebemos muitas temáticas, abordagens, revisões, enfim, a riqueza de uma época, fez-se pujante novamente.

Não podemos negar, no entanto, que o problema recorrente para este número foi, sem dúvida, a questão do trabalho e o mundo dos trabalhadores. Saudade de uma época que se foi? Sentimento de derrota? Não cremos.

Não temos pretensão de dar sentido ou respostas à questão: Por que “anos 80”? Os sentidos emergirão para cada um que tomar contato com a publicação.

O que queremos é reafirmar nossas convicções de que a

partir de transformações e revisões estaremos sempre tentando construir problemáticas de análise que comportam “questões em aberto”, o que significa aceitar um lugar caracterizado pela instabilidade e assim admitir que não há garantias de condições ideais para realizar até mesmo todas as possibilidades da própria crítica. Isto implica desconstruir polaridades interpretativas não se conformando com os sentidos modelares, explicações únicas, mas de estarmos sempre dispostos a buscar outras significações contidas nos materiais, nas fontes, explorando também, para além delas, a compreensão das questões levantadas. E, sobretudo, de ser capaz de manter nossa capacidade crítica bem alerta para conseguir analisar os acontecimentos da conjuntura.

A insistência em acentuar esta tarefa de desconstrução também dos nossos próprios supostos se justifica para acentuar mais um ponto - não podemos deixar que esta tarefa nos faça apagar as tensões. Fazer História com estas perspectivas não significa nenhuma forma de “novo conformismo” ou disposição para escapar dos conflitos e das contradições, para substituir o inconformismo de décadas anteriores, mas significa sim abrir-se para um mundo em que a diversidade e a pluralidade batem à nossa porta, invadindo a nossa casa e pedindo para serem reconhecidos – são os sujeitos históricos.

Como lembra o Subcomandante Insurgente Marcos “Desde então, andei por muitos caminhos, mas não por todos, e ainda procuro o rosto que seja semente, talo, folha, flor e fruto da palavra. Com todos e em todos me procuro para ser completo. Na noite, de cima uma luz sorri, como se encontrasse na sombra de baixo. Março vai embora. Mas chega a esperança.” Talvez este seja nosso convite para rediscutirmos os anos 80.

Conselho Editorial